



2ª EDIÇÃO, AGOSTO/2020

LUTO PELO LÍBANO



A conjuntura internacional é dinâmica. A pandemia da Covid-19 segue em curso, trazendo novos desafios não só no que tange ao controle epidemiológico da doença, como também às relações entre os países e à reorganização nacional da política e economia. Paralelamente, o trágico incidente no porto de Beirute mancha o já tão conturbado ano de 2020, e nos resta, como comunidade internacional e sensível aos irmãos e irmãs libaneses, prestar nosso respeito e condolências às vítimas.

* * *

A segunda edição da Orbiletter traz uma nova seção de Debates. Nela, apresentamos uma síntese das discussões ocorridas no âmbito do Observatório de Direitos Humanos (projeto de extensão conduzido pelo Prof. Daniel De Lucca) em conjunto com o GEPÉLIS (Grupo de Estudos, Extensão e Pesquisa Interdisciplinares em Linguagem e Sociedade). Este espaço, assim como a seção de Conjuntura Internacional, também está aberto a contribuições de estudantes e pesquisadoras/es, destinando-se a provocar discussões e apresentar pontos de vistas sobre fenômenos internacionais. Desejamos uma boa leitura e estejamos em Órbita!

SOBRE O ÓRBITA

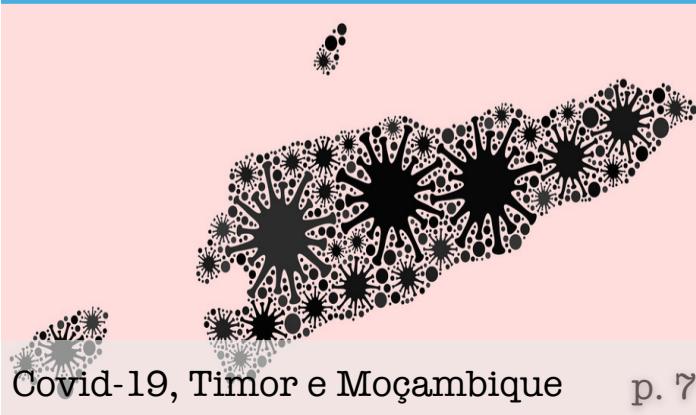
O Observatório de Relações Internacionais foi fundado por docentes do Bacharelado em Relações Internacionais da Unilab Malês. Possui três linhas de pesquisa e conta hoje com 13 membros entre docentes e discentes. Seu objetivo é fomentar um espaço de apoio e incentivo à pesquisa em Relações Internacionais no campus.

NESTA EDIÇÃO:

	Novos projetos de pesquisa	p. 2
	Relações Brasil-EUA	p. 4
	Informes do Órbita	p. 2
	Conjuntura internacional	p. 3
	Notas de pesquisa	p. 5

Debates

Eventos





INFORMES DO ÓRBITA

NOVOS PROJETOS DE PESQUISA DO ÓRBITA SÃO APROVADOS



Com a definição das cotas de bolsas do Edital 4/2020 da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPPG) da Unilab, dois novos projetos de pesquisa propostos por docentes do Órbita foram contemplados com bolsas PIBIC para estudantes. Os novos orientadores de pesquisa são a Professora Mariana Lyra e o Professor Enzo Lenine.

Intitulado “High Tech, High Performance? O uso de tecnologias no combate ao narcotráfico nas fronteiras secas do Brasil (2011-2019)”, o projeto da Profª Lyra trata do tráfico internacional de drogas, um dos principais temas da agenda de segurança contemporânea. Dessa forma, a pesquisa se propõe a analisar a efetividade do uso de tecnologias no combate ao narcotráfico em áreas lindéiras do Brasil.

Já o projeto “Gênero e conflitos internacionais: caracterização da violência de gênero nos novos conflitos africanos” do Prof. Lenine objetiva construir uma tipologia das diferentes modalidades de violência que incidem sobre as mulheres e crianças no continente africano. Compreende-se que estas violências de gênero constituem um ato político com objetivos materiais e simbólicos que afetam o tecido social das sociedades afetadas.

PROJETOS

Atualmente, o Órbita conduz os seguintes projetos de pesquisa:

[1] **Moçambique e a luta de libertação do Timor Leste** - Prof. Daniel De Lucca | Orientando: Vladimir Sá

[2] **Políticas de Cooperação Brasil-Angola** - Profª Joyce Alves | Orientando: Marcelino Correia

[3] **Epistemologias feministas africanas nas RI** - Prof. Enzo Lenine | Orientanda: Elisa Numala

Com os novos projetos aprovados, o Órbita contará com 5 (cinco) pesquisas em curso.



CONJUNTURA INTERNACIONAL

ENTRE O NORMAL E O EXTRAORDINÁRIO

Enquanto o mundo enfrenta os efeitos da pandemia da Covid-19, diversos eventos de importância internacional vêm buscando alternativas para seguir seus planejamentos mesmo diante das restrições impostas de distanciamento social e contato. No mundo islâmico, os ritos religiosos sofreram profundamente com as medidas restritivas, como aponta Abdulai Djabi (nesta página) em sua exposição dos impactos da Covid-19 no mundo islâmico.

No Hemisfério Ocidental, a política externa brasileira prossegue em seu alinhamento presidencial com os Estados Unidos da América. O Presidente Jair Bolsonaro insere-se nas diversas disputas comerciais e políticas entre China e EUA, tomado partido do presidente Donald Trump. Roseane Abraão (pág. 4) se debruça sobre esse romance entre os presidentes brasileiro e norte-americano, oferecendo uma perspectiva crítica sobre a política externa brasileira.



Impacto da Covid-19 no mundo islâmico

No início de 2020, começou um fenômeno que impactou e alterou o sistema internacional: a pandemia da Covid-19, que surgiu em Wuhan, na China. A priori, a doença não foi tomada a sério nesse país, pois parecia Fake News. Afinal, demonstrou ser uma ameaça nas RIs. O mundo veio a perceber que este é verdadeiro inimigo em comum, após este dar um grande salto para todos continentes.

No presente momento, vivemos num distanciamento devido à situação indesejável provocada pela Covid-19 que mudou comportamentos e rotinas. Cada país tem que se armar para enfrentar o vírus, decretado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) como uma pandemia. Com isso, os governos tomaram medidas restritivas para salvar vidas das pessoas, como não aglomeração, uso de máscaras, do álcool em gel, lavagem das mãos com sabão, evitar dar as mãos e distanciamento social.

No mundo islâmico, as autoridades implementaram as recomendações da OMS. Quase todas mesquitas do mundo estão fechadas e as orações passam ser feitas em casa junto à família. A maioria dos países muçulmanos abriu mão das reuniões públicas e fechou mesquitas. O Ramadã, conhecido pelo jejum em celebração de Eid-al-Fitr, foi feito com distanciamento e a maioria em família. Até as duas maiores mesquitas - Caaba e Medina - estão fechadas na cidade Santa de Meca bem como outras mesquitas nas redes transnacionais.

Como resultado da pandemia, a Arábia Saudita anunciou que suspendeu temporariamente todas as peregrinações a Meca, conhecidas como Umra. Tal evento nunca aconteceu na história islâmica moderna. Boa parte dos fiéis islâmicos decidiu não se aglomerar devido ao contágio. Desta vez, quase toda a Ummah o celebrou com distanciamento. Logo, se o vírus não desaparecer, terá sempre o medo de se aproximar e a dificuldade maior será dos novos convertidos.



Cooperação ou submissão? O “romance” entre Brasil e EUA

A China hoje é considerada a segunda maior potência econômica mundial passando à frente dos Estados Unidos e, na última década, vem tornando as dinâmicas globais de cooperação importantíssimas, especialmente com o Brasil e os demais países latino-americanos. Para o Ministério das Relações Exteriores, a China é o principal parceiro comercial do Brasil desde 2009, alavancando a produção e a economia interna, sendo a principal fonte de investimento externo no Brasil.

No último dia 21 de julho, o Brasil se alinhou, mais uma vez, com os EUA, emitindo um documento em que pede à Organização Mundial do Comércio (OMC) que reveja o princípio da economia de mercado alegando igualdade entre todos os seus membros. O documento deixa bem claro que a China não segue esses princípios. Porém, eis a questão: por que o Brasil se alia ao principal rival chinês para se posicionar contra o país que mais lhe beneficia economicamente?

Bolsonaro, desde a sua campanha para presidente, demonstra um alinhamento incondicional para com Donald Trump e seus ideais, apresentando diversas posturas diplomaticamente subordinadas ao presidente americano. Porém, isso não se dá apenas por aspectos ideológicos. Nota-se, atualmente, o distanciamento regional do Brasil deixando de lado o pragmatismo diversificado de parceiros políticos, sobretudo comerciais, como os países europeus, por exemplo. O país abandona o multilateralismo que era característica forte da Política Externa Brasileira e, mais do que isso, o atual governo não faz questão de possível mudança nesse cenário. A prioridade do presidente é a relação com os EUA.

Não podemos negar a guerra comercial entre China e Estados Unidos e é notório também a visível perda da hegemonia econômica norte americana no cenário global, o que está causando um certo desespero da mesma tentando de todas as formas invalidar e enfraquecer as principais relações econômicas chinesas ao redor do mundo. Usando do seu conhecido soft power para atrair países, os EUA convencem o Brasil a entrar nessa guerra, valendo-se do supracitado alinhamento incondicional de Jair Bolsonaro.

O que o governo brasileiro não se atenta é que quem só tem a perder nesse embate é ele mesmo. A conta só não fecha com relação à reciprocidade: esta inexiste, enfraquecendo e deixando prevalecer uma imagem negativa do Brasil no cenário internacional. O que Jair Bolsonaro deveria se espelhar nessa relação era a postura de olhar os seus próprios interesses, como fazem os EUA.

Eleições Americanas

Este ano, no dia 3 de novembro, os Estados Unidos da América realizarão as suas 59ª Eleições Presidenciais. Até o presente momento, foram definidas as nomeações (por meio de primárias nos partidos políticos) das/os seguintes candidatas/os:

Republicanos: Donald Trump (P) e Mike Pence (VP)

Democratas: Joe Biden (P)

Libertários: Jo Jorgensen (P) e Spike Cohen (VP)

Verdes: Howie Hawkins (P) e Angela Walker (VP)

Em linhas gerais, as eleições americanas ocorrem de maneira indireta: os eleitores elegem delegados de um Colégio Eleitoral e estes votam na chapa presidencial de sua preferência. Este Colégio Eleitoral é composto de 538 eleitores, e são necessários 270 votos para que a chapa vença – do contrário, o Congresso elegerá a/o Presidente e Vice-Presidente com base nos dois melhores resultados.



Quer publicar sua análise de conjuntura na Orbilettter? Envie um e-mail para orbita@unilab.edu.br com sua proposta temática. Lembre-se de que a análise de conjuntura deve ser atual, fornecendo interpretações sobre acontecimentos internacionais do momento. Caso seu texto seja aprovado (ele não deve ter mais do que 400 palavras), será publicado na seção de **Conjuntura Internacional** da Orbilettter. Aguardamos sua contribuição!



NOTAS DE PESQUISA

[Artigo] Survival of the best fit: modelling nuclear proliferation

Autores: Paul Winter (Universidade de Otago) & Enzo Lenine (Unilab-Malês)
Revista: International Interactions | Qualis: A1 (Ciência Política e Relações Internacionais)
Link: <<https://doi.org/10.1080/03050629.2020.1792897>>

O artigo debruça-se sobre as falhas metodológicas da análise de sobrevivência aplicada nos estudos de proliferação nuclear. Os desafios de se escolher uma distribuição de probabilidades adequada e atender a suposição dos riscos proporcionais são tratadas no artigo. Na conclusão, os autores apresentam caminhos teóricos e metodológicos para solucioná-los.



[Projeto de Pesquisa] Políticas de Cooperação Brasil-Angola (2002-2020)

Orientando: Marcelino Correia
Orientador: Profª Joyce Alves

O projeto objetiva analisar os principais resultados da cooperação entre Brasil e Angola no âmbito da cooperação Sul-Sul. Alguns resultados já obtidos apontam que, entre 2002 e 2016, há um maior alinhamento político-institucional de ambos os países em foros internacionais; uma forte internacionalização de empresas brasileiras, consolidando a área de infraestrutura; e no que tange à cooperação técnica-governamental, há um aumento de projetos nas áreas de saúde, educação e agricultura.



[TCC] Islã transnacional em Salvador e São Francisco do Conde: conexões entre Bahia e África Ocidental

Orientando: Abdulai Djabi
Orientador: Prof. Dr. Daniel De Lucca

Esta pesquisa busca analisar a situação dos imigrantes muçulmanos nas cidades de Salvador e São Francisco do Conde, considerando as redes transnacionais do Islã que conectam a Bahia à África Ocidental. Apoiando-se nos estudos sobre imigração e o papel da religião nas relações internacionais, a investigação retoma a literatura sobre o islamismo no Brasil e desenvolve entrevistas com muçulmanos oriundos da África Ocidental residentes nas duas cidades baianas.



Ex-membro do Órbita publica em revista de RI

Nessa seção, convidamos Locarine Uducliene Mendes Oncampo, formada em Relações Internacionais pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) a participar da entrevista sobre o artigo publicado na revista Meridiano 47.

Como surgiu a ideia de publicar o artigo na revista Meridiano 47?

A ideia da publicação do artigo partiu do professor Enzo Lenine, que na altura era o meu orientador na elaboração do meu trabalho de conclusão do curso. Durante a conversa, ele me apresentou a ideia brilhante de elaborarmos um artigo acadêmico. Sem hesitar, concordei logo, porque no momento não tinha nenhum artigo publicado e mesmo que tivesse, a minha decisão seria a mesma, porque nunca é demais contribuir sempre que podemos com um trabalho acadêmico para os nossos leitores e sociedade em geral. Hoje, graças a ele, tenho um artigo publicado, embora como co-autora, mas mesmo assim, isso já é meio caminho andado, e eu agradeço muito por isso.

O artigo teve quanto tempo para sua finalização?

O artigo levou mais ou menos um mês e alguns dias para a sua finalização, mas em torno de 4 a 5 meses entre a avaliação da revista e a publicação.

Quais foram os desafios na produção e publicação do artigo?

Como sendo o meu primeiro artigo a participar como co-autora, os desafios não foram tão enormes, visto que, a parte do trabalho no qual contribui para a elaboração do artigo foi do meu trabalho de conclusão do curso. Porém, diria que os desafios se acentuam mais na organização do mesmo, em tentar adequar o mesmo com as normas estipuladas pela revista, especificamente no que tange a extensão do mesmo. E quanto a publicação, o desafio foi somente da demora no retorno por parte da revista, tendo em conta a situação atual (Covid -9) que o mundo todo está se deparando.

Há possibilidade de publicar o mesmo artigo na outra revista?

Não há possibilidade da publicação do mesmo artigo numa outra revista, porque as normas para a publicação da Meridiano 47 não permitem.

Qual foi a sua contribuição como co-autora?

Por ser uma parte do meu trabalho de conclusão de curso, minha contribuição se acentuou na parte da pesquisa e nas discussões. Já a correção, escrita, debate teórico e a organização do artigo, ficou sob a responsabilidade do autor.



Referência:

Lenine, Enzo; Oncampo, Locarine (2020). "Recuperando a justiça de gênero e a África nas Conferências Mundiais da Mulheres". Meridiano 47, 21: 1-19. Disponível em: <https://doi.org/10.20889/M47e21009>

Autores:

Enzo Lenine – Professor Adjunto no IHL-Malês/Unilab

Locarine Oncampo – Bacharela em RI/Unilab

Meridiano 47 – Journal of Global Studies

(Informações extraídas do website)

Meridiano 47 – Journal of Global Studies é uma revista do Centro Estudos Globais da Universidade de Brasília dedicada a promover a reflexão, a pesquisa e o debate acadêmico sobre os temas da agenda internacional contemporânea.

Meridiano 47 publica artigos científicos cuja temática se situe na grande área de Relações Internacionais, e mais particularmente sobre Política Internacional, Política Externa, Economia Internacional, Instituições e Regimes Internacionais, História das Relações Internacionais e da Política Externa e sobre questões envolvendo áreas geográficas e países.

Qualis: B2 (Ciência Política e Relações Internacionais)



DEBATES

Covid-19 no mundo lusófono: direitos humanos, gênero e linguagem no enfrentamento da pandemia em Timor Leste e Moçambique

No dia 3 de julho o Observatório dos Direitos Humanos, projeto de extensão do campus dos Malês, recebeu duas pesquisadoras, a timorense Nurima Alkatiri e a moçambicana Ezra Nhampoca, para discutir a situação da pandemia em seus respectivos países. O webnar, organizado em parceria com o GEPELIS (Grupo de Estudos, Extensão e Pesquisa Interdisciplinares em Linguagem e Sociedade), foi mediado pelo coordenador do Observatório dos Direitos Humanos, prof. Daniel De Lucca, e também pelo Prof. Alexandre Silveira, do colegiado de Letras da UNILAB, e pela profa. Camila Tribess doutoranda pela UFBA. A ocasião permitiu o profícuo diálogo tricontinental entre pesquisadoras de países da CPLP situadas em diferentes configurações regionais do Sul Global: Timor-Leste no Sudeste Asiático, Moçambique na África Austral e Brasil na América do Sul.

Nurima Alkatiri explicou que o governo timorense declarou “estado de emergência” como forma de prevenção à pandemia, promovendo: o fechamento das fronteiras terrestres com a Indonésia (principal foco de proliferação regional); a identificação e o estabelecimento de quarentena das últimas pessoas que chegaram ao país; o distanciamento social e suspensão do comércio e dos cultos religiosos. Não houve participação de mulheres na formulação de políticas de enfrentamento do Coronavírus, mesmo considerando que no país elas assumem a maioria das tarefas ligadas ao trabalho do cuidado, no campo da saúde, assistência social, educação e comunicação social. Segundo a pesquisadora, as mulheres estão submetidas a um regime patriarcal timorense, no qual a quarentena aumenta a exploração do trabalho feminino doméstico. A pandemia intensifica a sobrecarga psicológica e a desvantagem cumulativa das mulheres, já subalternizadas economicamente. A renda familiar se viu reduzida no período, assim como a renda nacional, dependente do petróleo, e a violência doméstica e os casos de abusos sexuais se intensificaram, apontando para a necessidade de se elaborarem formas de justiça para as mulheres timorense no pós-pandemia.

Moçambique tem na vizinha África do Sul o principal foco de proliferação regional. Ezra Nhampoca argumentou que a disseminação do vírus no país esteve relacionada à discriminação das línguas nacionais na divulgação das informações e dos protocolos de saúde. No início, as mídias nacionais usavam apenas a língua portuguesa, falada apenas por cerca de 50% da população, num país com mais de 20 línguas nativas, faladas por cerca de 80% da população, que é quase sempre bilingue, trilingue ou multilíngue. Esta situação fez com que a maioria não compreendesse as informações sobre a Covid-19. Posteriormente as autoridades começaram a mobilizar línguas locais, gerando algumas mudanças de comportamento, principalmente no interior rural, distante dos centros do saber médico e do poder político.

A epidemia global do Coronavírus promove impactos locais diferenciados no campo dos direitos humanos, sobretudo considerando as desigualdades de gênero e a exclusão linguística. O fato de ser uma ilha contribuiu para o controle da doença em Timor-Leste, que registrou nenhum óbito e, até o fim de julho, não identificou nenhum caso ativo. Até o início de agosto, Moçambique registrava quase dois mil casos confirmados e apenas 12 óbitos. Muito diferente é a situação do Brasil, principal foco de proliferação na América do Sul, caminhando, no início de agosto, para quase 3 milhões de casos registrados aproximando-se de 100 mil óbitos pela doença. Independentemente da desigualdade econômica, de influência e de poder entre estes três Estados nacionais, uma diferença principal a ser destacada é a resposta política dada à pandemia, que em Timor-Leste e Moçambique foi tratada com grande responsabilidade pelas autoridades centrais, enquanto no Brasil não.



EVENTOS

I SEMINÁRIO DE PESQUISA DO ÓRBITA



ATENÇÃO!

[Novo prazo de submissão]

16 de agosto de 2020

As demais datas do Seminário de Pesquisa permanecem inalteradas.

Dúvidas?

orbita@unilab.edu.br

Instruções para Submissão

Artigos: análises de resultados de estudos empíricos ou abordagens de questões teóricas e metodológicas, obedecendo a critérios e regras acadêmicos. Extensão: 5000-8000 palavras.

Ensaios: reflexões sobre um determinado tema, elaborados de modo mais flexível e aberto. Extensão: 3000-4000 palavras.

Projeto de pesquisa: deve conter introdução, justificativa, objetivos, referencial teórico e metodologia. Extensão máxima: 15 páginas.

Resumo expandido: versão reduzida de um trabalho de pesquisa anterior de autoria própria. Extensão: 1000-1500 palavras.

Membros do Órbita

Prof^a Dr^a Tacilla Siqueira (Líder)
Prof^a Dr^a Joyce Alves (Vice-Líder)

Prof. Dr. Daniel De Lucca
Prof. Dr. Enzo Lenine
Prof^a Dr^a Mariana Lyra

Abduali Djabi
Elisa Numala
Joselda Umbelina
Marcelino Correia
Milena Santiago
Nilton Gomes
Roseane Sacramento
Vladimir Sá

Edição da Orbilettter:

Prof. Dr. **Enzo Lenine**
Editor-Chefe

Nilton Gomes
Redator

Realização:



Apoio:

